# Reagrupamento Revolucionário

**Regroupment.org / Reagrupamento-rr.blogspot.com**
**Reagrupamento.revolucionario@gmail.com**

## A repressão estatal e a esquerda

*Escrevemos este pequeno texto como introdução à postagem, no nosso site, do texto "Lições da Classe Trabalhadora – A repressão estatal e a esquerda". Esta é uma versão adaptada como panfleto. O texto completo pode ser lido em* **http://reagrupamento-rr.blogspot.com.br/2014/11/a-repressao-estatal-e-esquerda.html**

Tendo em vista recentes escândalos internacionais, como o que envolveu Edward Snowden e a NSA, assim como os vazamentos de documentos oficiais feitos pelo Wiki Leaks e a sequente caçada a Julian Assange, é inteiramente desnecessário se estender sobre a completa falta de vergonha dos Estados burgueses ao desrespeitarem até mesmo as próprias leis referentes aos direitos de organização, expressão e discussão da população, conquistadas através de muita luta. Os estados-maiores dos capitalistas estão dispostos a todos os métodos, da tortura ao assassinato, para garantir o seu objetivo de sustentar a decadente ordem capitalista.

É central estudar como os militantes revolucionários, desde os fundadores do marxismo, passando pela tradição socialdemocrata e indo até a experiência do Partido Bolchevique e da Quarta Internacional, lidaram com variadas situações de repressão. Essas situações não se mantiveram as mesmas ao longo da história. Enquanto os bolcheviques enfrentavam uma monarquia em condições de clandestinidade e precisavam coordenar de maneira inteligente os seus trabalhos legal e ilegal, as condições da repressão antidemocráticas enfrentadas pelo Socialist Workers Party (seção americana da Quarta Internacional) no início da Segunda Guerra Mundial se deram sob a fachada da democracia burguesa, o que fornecia oportunidades maiores de publicitação e possibilitava o uso de outras táticas para mobilizar o movimento dos trabalhadores contra tais ataques.

Estudar as experiências das antigas gerações militantes tem muito a ensinar sobre como lidar com a atual conjuntura brasileira, marcada por intensa repressão durante e após as jornadas de lutas de 2013.

Desde o primeiro momento das lutas da juventude e de alguns setores organizados da classe trabalhadora, ficou clara a extensão do aparato repressivo do Estado burguês brasileiro e sua capacidade de atuar contra os movimentos sociais: vimos não só o típico uso dos aparatos policiais (Polícia Militar e Guardas Municipais) contra as manifestações, mas também o uso de tropas do Exército (como em manifestações nas favelas cariocas) e de esquadrões de elite (como a Força Nacional). A isso se somaram gastos exorbitantes de dinheiro público com equipamentos de repressão dos mais modernos e caros. Além disso, também foram postas em ação uma série de táticas completares à repressão policial "direta", como infiltrações de espiões nos movimentos sociais e uso de diferentes dispositivos jurídicos antidemocráticos que atuaram no sentido de criminalizar ainda mais as lutas (prisões preventivas, processos que corriam em sigilo, etc.).

É verdade que todos esses dispositivos repressores do Estado sempre

foram usados contra grande parte da população negra e pobre das periferias, mas o fato de que no último período ela cresceu junto com a repressão à esquerda e aos movimentos sociais organizados propiciava a oportunidade para mostrar que nosso inimigo é o mesmo, o que se expressou em palavras de ordem como *“A polícia que reprime no asfalto é a mesma que mata na favela”*. Infelizmente, tal constatação não levou à formação de um movimento mais amplo contra a reação violenta da classe dominante diante de um questionamento sério do seu regime.

Ao longo de 2014, só se tornou mais evidente a preocupação da burguesia em criminalizar os que lutam contra sua ordem. Vivenciamos apreensão de “material subversivo” (literatura marxista) na residência de militantes de grupos de esquerda no Rio Grande do Sul (principalmente da Federação Anarquista Gaúcha e do PSTU); uma investida midiática que tentou a todo custo rotular os Black Blocs como “terroristas” após a morte do cinegrafista Santiago Andrade em um acidente envolvendo um rojão num protesto no Rio de Janeiro; e, espetacularmente, a prisão e perseguição de 23 ativistas (a maioria da Frente Independente Popular – FIP) na véspera da final da Copa do Mundo de futebol, sob acusações esdrúxulas de “formação de quadrilha” e “suspeita de atos de vandalismo”. Essas prisões, feitas de forma ilegal, cujos autos do processo sequer ficaram disponíveis aos advogados de defesa, foram amplamente registradas na imprensa, que recebeu fontes privilegiadas como gravações telefônicas e mensagens de texto trocadas entre os ativistas. Isso serviu para lembrar aos revolucionários que o Estado capitalista, mesmo nesse período em que as organizações da esquerda ainda são pequenas e frágeis, mantém um olhar atento sobre elas.

Diferente de parte da esquerda que ficou assustada com o salto qualitativo na onda repressiva (e também daqueles que no recente momento de eleições burguesas usaram de todo tipo de argumento histérico para justificar sua capitulação ao governo do PT), nós não acreditamos que se aproxima um golpe armado de setores reacionários contra a democracia burguesa, estilo 1964. Conforme explicamos em *Revolta de Massas no Brasil* (junho de 2013) e *As capitulações do PCO ao governismo* (julho de 2014), nenhum elemento da atual conjuntura aponta para uma investida golpista. As forças armadas, assim como a burguesia nacional e imperialista (e inclusive a grande maioria dos opositores do governo) temem o crescimento da luta de classes, mas até agora tem considerado o atual governo a sua principal chance de conter a situação (cuja resposta tem incluído uma repressão dura e pronta). Os setores direitistas verdadeiramente golpistas seguem muito isolados e isso torna tentativas de um golpe de Estado bastante improváveis.

***Queremos a queda de todos os processos e a anistia de todos os perseguidos políticos***, como Rafael Braga Vieira, preso sem provas somente por estar na rua no dia de um protesto no Rio de Janeiro, acusado e condenado por “portar material explosivo” (desinfetante líquido). É preciso aproveitar a percepção de grande parte da população sobre o caráter infundado das acusações de “terrorismo” contra professores, estudantes e demais trabalhadores para desmascarar e desmoralizar o Estado burguês, mostrando qual seu real interesse com esse teatro sujo.

Nós consideramos que uma importante tática seria a formação de uma frente única entre as organizações da esquerda, do movimento negro, sindicatos e organizações de luta em geral com o objetivo de derrotar os ataques aos movimentos sociais que tem ocorrido a cada nova inflexão da luta de classes. É preciso defender de forma sistemática todos os companheiros perseguidos, criminalizados e investigados pelo assassino Estado capitalista, cujo único interesse e preocupação são sustentar a atual situação de arrocho econômico desigualdade e opressão. Nós participaríamos de uma frente única com tais objetivos desde que respeitada a liberdade de crítica fraterna entre os seus integrantes, e criticamos aqueles na esquerda que rejeitam um combate amplo contra esses ataques e preferem confiar de forma sectária só em suas próprias forças. A repressão estatal tem se dado sobre os mais variados setores da esquerda e, como ensina a história da luta de classes, a repressão bem-sucedida de qualquer movimento social hoje é o precedente para uma repressão generalizada amanhã. ***Um ataque contra um de nós é um ataque contra todos. Ninguém fica para trás!***